

FONTE : DESC

CLASS. : 69

DATA : 4 5 89

PG. : 2

A perigosa conexão Amazônia

NOENIO SPÍNOLA

Quando os presidentes dos oito países da Amazônia estiverem reunidos em Manaus, neste fim de semana, não poderão ignorar a sombra da tonelada de cocaína aterrissadas em Miami



a bordo de um avião da Varig, segundo a Agência de Controle de Entorpecentes norte-americana.

“O presidente José Sarney não está minimizando esse fato”, disse ontem um dos assessores mais íntimos do planalto, ainda que polidamente se recusasse a lhe conferir um significado especial. A coca é um ingrediente perturbador, mas não é o único, nem do lado da normalização nem do que trabalha pela implosão das fronteiras da selva.

Esta é a época do ano em que o garimpo espera pelo fim das chuvas para entrar em ação. Cedo, o rio madeira vai se encher outra vez de balsas atrás do ouro de seu leite, grotas e igarapés acima, na safra da Amazônia prevista para cerca de 80 toneladas.

“São umas quatro mil e quinhentas balsas”, diz Ivo Preto, o presidente da União dos Sindicatos dos Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal). José Barbosa Melo, da Goldmine, a maior fundidora brasileira do metal, estima a produção global do País em 109 toneladas este ano. Os números não impressionam os olhos calmos de Ivo Preto, um homem temperado pela floresta densa, rios e espaços gigantescos. Com um certo ar de orgulho pelo que vai acontecendo rios acima, ele fala na frota de uns 350 aviões que sobrevoam as áreas de garimpo, indo e vindo como abelhas cujo pólen é ouro.

Não muito longe do universo de verde e água onde os afiliados aos sindicatos da Usagal — mais de um milhão — trabalham, ficam as fronteiras com as Guianas, a Venezuela, a Colômbia. Este ano, em três meses apenas, umas cem pessoas foram seqüestradas na Colômbia, entre as quais três brasileiros da Braspetro. Com tantos problemas, o Itamaraty cala e o diligente delegado Romeu Tuma parece mais assoberbado de trabalho que nunca. Quem vai colocar

as carapuças? Há quem estime em milhares os laboratórios que refinam coca no Brasil hoje em dia, e o avião da Varig não é o primeiro alvo do discurso de Washington contra a lenta lepra da droga que se alastra ao sul do Rio Grande.

Em bom português, em um pronunciamento transcrito pelos serviços de informação norte-americanos no Brasil, o diretor-executivo da Comissão Interamericana para o estudo do abuso de drogas da OEA (Cicad), Irving Tragen, denunciou a troca de carros roubados brasileiros por pasta de cocaína na fronteira com a Bolívia. Segundo o Cicad, um terço da população peruana já está viciada no basuco (um fumo derivado da cocaína). Mais que nunca, a desagregação de países como a Colômbia e o estabelecimento de pontes no Brasil interessam ao narcotráfico, porque apareceu no México um presidente que resolveu desbaratar conexões e mandar os chefes do tráfico para a cadeia. O sr. Salinas, não sem motivo, ganhou da Business Week uma capa com o título em letras garrafais: “Macho”.

Reúnam-se ou não os presidentes da Amazônia, há uma realidade que caminha com os próprios pés, para uma direção ou para outra. “Há um milhão de brasileiros por lá”, diz Ivo Preto, alegando que o garimpo não queima a floresta, mas a demarcação de terras, sim. O presidente da Usagal quer vir a São Paulo para abrir um diálogo a fundo sobre sua região. Há, da parte desse e de outros homens do Norte, uma certa perplexidade, misturada com uma curiosidade quase ingênua sobre o alarido que se forma no Sul em torno da Amazônia. Eles acham que verdades estão sendo omitidas, e mitos criados. Falam pouco nisso, mas se o narcotráfico se transformar no eixo agrícola da Amazônia, o branqueamento de dólares pode perfeitamente desviar o fluxo de ouro. Basta pagar 2% acima do preço de mercado em São Paulo e no Rio para que o metal desapareça pelas fronteiras da selva. As balsas do rio Madeira são o contraponto do avião da Varig em Miami. O que fará com que elas naveguem rio abaixo é o desenvolvimento da região, para que as plantations da coca não fiquem mais importantes e importantes que as culturas regulares.

Noenio Spínola é editorialista do Estado.